

Violência, trauma e confissão: as múltiplas faces do “É Assim que Acaba”

Maria Fernanda da Silva¹

José Eduardo Gonçalves dos Santos²

Resumo

Traduzido para o Brasil como “*É assim que acaba*”, o romance *It Ends With Us*, obra prima da autora Margaret Colleen Fennell, mais conhecida como Colleen Hoover (1979), é, do ponto de vista do projeto escritural da autora, uma obra que ora põe em dialogia as fragilidades dos relacionamentos amorosos – frente à realidade da violência doméstica, potencializada na construção da protagonista Lily Bloom, desde sua infância –, ora utiliza personagens que performatizam a condição traumática no espaço-tempo da narrativa desveladora das condições existenciais e sociais, para justificar as práticas abusivas cometidas pelos seus respectivos parceiros. Assim, a narrativa – que conta a história de Lily Bloom, uma jovem de 23 anos, que se muda para a cidade de Boston, após o falecimento de seu pai, buscando abandonar o histórico de violência, que, até então, acontecia com a mãe – conta com uma ambientação em que as temporalidades, presente-passado, estão em confluência. Assim, através de *flashbacks*, os acontecimentos narrados são usados para justificar algumas ações, como o fato de Lily entrar em contato com figuras importantes que merecem destaque, a exemplo dos protagonistas masculinos centrais: Ryle Kincaid e Atlas Corrigan. Desse modo, o trabalho aqui proposto tem como objetivo central analisar, num primeiro momento, a representação feminina veiculada aos diferentes comportamentos e perfis adquiridos às personagens do romance em tela, assim como identificar de que forma essas representações comprovam a ideia de problematização social da violência de gênero no âmbito da obra, observando, ainda, os recursos literários confessionais capazes de gerar discursos metafísicos em sua potencialidade, compreendendo a obra em toda a sua

¹ Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA. Acadêmica do curso de Letras-Português/inglês do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA fernandasilvaletters@gmail.com

² Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA. Professor Mestre em Teoria da Literatura, do curso de Letras-Português/inglês do Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA eduardodosantos@univisa.edu.br

excentricidade. Por meio, então, de referências à obra da autora norte-americana, de caráter essencialmente informativo, em perspectiva, pode-se ampliar os modos de ler as reflexões sobre a violência doméstica, como instância precíval para o entendimento da criação e do desenvolvimento dessas personagens, ao longo de sua obra autoral, e, de certa forma, autobiográfica, necessitados de pontos de transcendências referenciais temáticos, recorridos aos ensinamentos de Simone de Beauvoir (1958). Sendo assim, tal proposta visa discutir a trajetória dos personagens e questionar, antes de tudo, o pensamento, socialmente repercutido, pela sociedade atual, no âmbito do universo fictício que o romance de Hoover nos ajuda a ocupar.

Palavras-chave: Violência de gênero. Violência doméstica. Trauma. Literatura confessional.

1 Introdução

Todas as pessoas – ou quase todas – que apreciam e fazem estudos acerca da literatura norte-americana, mais especificamente dos autores contemporâneos, raramente deixaram de tomar conhecimento acerca do fenômeno mundial, que, em breve será transcodificado em longa-metragem, “*It Ends With Us*”³, da renomada Colleen Hoover (1979). Isso porque, ao mundo jovem, foi apresentado um universo fictício, que em muito retrata a realidade, cheio de peculiaridades em sua construção, que narra a história de Lily Bloom, uma jovem de 23 anos que se muda para a cidade de Boston, após o falecimento de seu pai, a fim de abandonar o histórico de violência doméstica, que, até então, acontecia com a mãe.

Portanto, a análise, que, notoriamente, dá origem a esse estudo parte da observação de eventos narrativos que demonstram as fragilidades dos relacionamentos amorosos frente à realidade de violência doméstica. Dessa forma, a representação dos personagens, veiculada aos diferentes comportamentos e perfis adquiridos ao longo do romance, comprova a ideia de problematização social da violência doméstica no âmbito da narrativa de Hoover. Logo, como será observado aqui, é possível notar que o papel desempenhado pelos protagonistas masculinos é um dos pontos que merecem destaque,

³ No Brasil, a obra foi trazida por Priscila Catão, pela Editora Galera, em 2016, como “É assim que acaba”, título que, ao longo do texto, será utilizado, como forma de dialogar com a recepção nacional, na forma como a obra vem constituindo sua identidade.

dado ao fato de esses desempenharem papéis que, atualmente, ainda são problemáticas sociais em diversos contextos.

Sendo assim, faz-se necessário buscar identificar o modo de criação e construção desses personagens; afinal, tal proposta visa discutir a trajetória dos personagens e questionar, antes de tudo, o pensamento socialmente repercutido, ainda, pela sociedade atual, no contexto do universo fictício que o romance de Hoover nos ajuda a ocupar. Com isso, alguns questionamentos acerca da obra autoral, que, até então, encontram-se carente no meio acadêmico, serão aqui postos à tona. Além disso, serão retratadas questões, sobretudo de cunho biográfico, social e confessional, que desempenharam significativa influência na trama, de forma a deixar claro como esses protagonistas são descritos, identificados e internalizados pelo público – em sua maioria jovem – que a lê.

À vista disso, para a composição do panorama teórico-crítico da pesquisa que originou este artigo, foi selecionado o livro autoral de Colleen Hoover *É assim que acaba*, bem como bases teóricas sustentadas através das perspectivas de Cathy Caruth (1955) e Ana Amélia Barros (2012) que complementam, numa análise literária de cunho confessional, o estudo da narrativa acerca da violência doméstica, assim como a construção de personagens femininas e sua representação. O que permite formulações teóricas relacionadas ao tema proposto e nos leva a responder às seguintes problemáticas: De que forma podemos observar a representação da violência doméstica na narrativa? Quais os mecanismos de enfrentamento que a personagem Lily Bloom desenvolve e que potencializa a teoria do trauma dentro dos estudos psicológicos e literários contemporâneos?

Considerando a relevância do estudo apresentado para o entendimento da obra em sua estrutura, as questões de caráter histórico e social são embasadas na teoria de Simone de Beauvoir (1908), filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa, assim como nas teorias de Virgínia Woolf (1882) escritora, ensaísta e editora britânica. De forma a analisar as representações sociais, com o intuito de entender a realidade trazida para a ficção, considerando a dimensão histórica, e, através da teoria das Representações Sociais, tentar entender as lutas, batalhas, espaços e formas de comunicação dos personagens na obra.

2. Justificativa

Ao observar a lacuna existente no meio científico-acadêmico acerca do romance *É assim que acaba* – mais especificamente como acontece as múltiplas faces da violência doméstica e como são desenvolvidos os traumas causados por ela – é de extrema importância o debate e o esclarecimento que visam mostrar ao mundo a importância do protagonismo feminino na liderança da construção e da propulsão de um enredo e atuação, como o romance de Hoover, uma vez que se trata de uma obra que vem sendo cada vez mais lida por jovens de todo o mundo e, de certa forma, marca uma geração de leitores que compreende o conceito de violência, seja física ou verbal, e dialoga sobre as maneiras de perceber e conceituar esse fenômeno ainda a ser interrogado, para ser melhor compreendido, o trauma decorrente dela.

Ademais, essas lacunas vão sendo preenchidas, num primeiro momento, levando em consideração a motivação pessoal da autora em questão, visto que é um livro de autoficção, em que podemos observar a violência mascarada e as consequências significativas dela. Esse conceito é historicamente recorrente, de modo que apenas comprova as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao longo do século. Por isso, o estudo aqui apresentado é desenvolvido dos pontos de vista estrutural e conjuntural, ao analisar quais foram as condições e as possibilidades que propiciaram a emergência dos estudos contemporâneos que tratam da relação da violência doméstica na literatura.

O artigo, portanto, tem por objetivo analisar de que maneira a personagem Lily Bloom é representada, associando suas características físicas aos diferentes comportamentos e perfis adquiridos às personagens desse romance, além de ratificar como essas representações comprovam a ideia de problematização do social e histórico no contexto da obra, visando à disseminação tanto do tema ficcional, quanto aos conceitos estabelecidos historicamente para a construção do feminino na literatura de Colleen Hoover.

Assim sendo, este trabalho busca apontar algumas falhas e incoerências argumentativas apresentadas no meio acadêmico ao tratar da obra de Hoover, publicadas, até então, buscando preencher as lacunas deixadas referente à construção das personagens, suas relações e expressividades ao lidar com a violência doméstica, ao mesmo tempo em que se faz necessário esclarecer visões aplicáveis de forma realista e crítica. Isto dito, numa análise pontual, a relação da obra literária com aplicações teóricas de outras áreas do conhecimento, nas possibilidades que a literatura e a psicologia nos ajudam a ocupar, é um dos lugares de reflexão deste estudo.

3. Resultados e Discussões

Quando não se há *um teto todo seu*: violência e confissão no romance de Hoover

É fato que Colleen Hoover, atualmente escritora de 30 livros publicados no Brasil, não renuncia a problemáticas sociais em suas obras. Ousado e extremamente pessoal, “É assim que acaba” narra a história de Lily Bloom, uma jovem de 23 anos, que se muda para a cidade de Boston após fazer o discurso fúnebre de seu pai. Paralelo à obra de Virginia Woolf, intitulada “Um teto todo seu” (1929), Hoover pontua sobre as condições sociais da mulher, ao apresentar, de forma bastante perceptível, a chamada “alegoria do espelho” proposta por Woolf, ou seja, ao longo da história, a mulher renega ao papel engrandecido do homem perante à sociedade, e seguindo esse pressuposto, estará sempre diminuída em comparação à ele. De cunho bastante realista, a obra que evidencia o corpus desse artigo demonstra, em muitas das suas passagens a desigualdade entre os sexos, a dependência financeira e até mesmo, cenas de violência sexual.

Não obstante, este é um viés muito retratado nos escritos de Hoover. *O lado feio do amor* (2014), *Confesse* (2015), *Tarde demais* (2016), *As mil partes do meu coração* (2017), *Até o verão terminar* (2021) e *É assim que começa* (2022) - continuação do romance “É assim que acaba” - são obras autorais que comprovam problemáticas sociais que repercutem na figura da mulher enquanto ser inferior que necessita de aprovação masculina.

No entanto, buscando distanciar-se de todos os pensamentos relacionados à agressão que até então vivenciara, Lily Bloom afirma que jamais manteria um relacionamento abusivo, o que não acontece, pois, ao longo da narrativa, percebe-se o que trataremos aqui como “violência mascarada”, ou seja, os atos de violência passam despercebidos ou são totalmente ignorados, num primeiro momento, pela própria personagem, o que nos leva a questionar, em um grau de maior potência, as múltiplas faces da violência doméstica e os transtornos de teor psicológico que podem ser causados por ela.

Fora da ficção, observa-se que essa problemática ainda é uma realidade persistente e está abrangendo uma maior quantidade de pessoas ao longo dos anos, numa conjuntura nacional. Acerca dessa temática, a psicóloga Hildevância Macêdo, membro

do Comitê de Políticas de Prevenção e Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres (CoMu) da UFPB, reforça que:

“o atendimento às mulheres em situação de violência precisa ser na perspectiva de uma clínica ampliada que, além da subjetividade, há de garantir questões estruturais necessárias para que as mulheres façam as rupturas do ciclo de violência”.

(2020, entrevista feita pela reitoria da UFPB)

Nessa perspectiva, pode-se observar que a mãe de Lily Bloom, chamada Jenny Bloom, é fruto dessa teoria: está presa a um relacionamento altamente tóxico e agressivo pelo fato de não ter estruturas financeiras ou uma rede de apoio, para romper com o ciclo de violência.

Chega a ser impossível não frisar a importância da chegada nacional de um livro como *É Assim Que Acaba*, em 2016, publicado pela Galera Record, visto que traz uma narrativa poderosa, complexa e dolorosa pela sua honestidade, principalmente porque é notório o fato de não haver uma caracterização em “preto e branco”, ocorrência essa que é muito importante para que o livro seja entendido — e sentido — por todos, técnica essa que Hoover domina muito bem quando nos referimos à sua linguagem: o uso da estilística em suas obras chega a ser admirável.

Composta por 368 páginas, dividida em 32 capítulos, *É assim que acaba* opera sob a narrativa em primeira pessoa e é dividida em momentos do presente e do passado de Lily Bloom. Segundo Lejeune, essa estética corrobora para “a consciência da mudança que se constitui como uma maneira particular de conduzir a leitura e a escrita.” (LEJEUNE, 2008, p. 77). Essa dupla dimensão da narrativa - *o eu do passado e o eu do presente* - ao retornar a textos já escritos, a exemplo dos diários de adolescência de Bloom, manifesta no leitor uma posição mais crítica, que junta o exemplo ao preceito. Dessa forma, a narrativa, que reitera o pacto biográfico teorizado por Lejeune, leva cada um à sua experiência, alcançando um maior grau de subjetividade, compreensão e empatia pela narradora-personagem.

A narrativa em todo o seu potencial é sobre Lily Bloom e a violência que a cerca em todos os momentos de sua vida, seus mecanismos de defesas e os traumas causados por ela, o que já se torna perceptível no primeiro capítulo da obra (p. 11), quando ela descreve seu primeiro contato com Ryle Kincaid, até então um desconhecido, ao afirmar

que a porta foi aberta com uma grande quantidade de força e, no mesmo instante, implora mentalmente, para que seja uma mulher, pois neste momento, ainda posta as fragilidades e gatilhos de sua vida pessoal, teme pela sua segurança. Nessa conjuntura, pode-se constatar que, apesar da violência doméstica ser uma problemática que remonta de séculos passados, a preocupação em trabalhar a temática em obras literárias ainda é muito recente.

Acerca disso, Margaret Colleen Fennell, mais conhecida como Colleen Hoover (1979) traz um enredo incrivelmente necessário para discussões sobre a temática. Assim sendo, os estudos críticos que tratam dessa importante vertente literária ganharam força, principalmente nos países norte-americanos, nos últimos anos. Se, por um lado, a potencialidade criativa ficou esquecida ou até mesmo tenha sido silenciada por um período, por outro, ela revela a subjetividade e sensibilidade artística dessa camada da população de autores, apresentando-se como uma forma potente de construção de novas realidades através de obras literárias.

Do ímpeto autobiográfico à oratória, conforme apontam os estudos de Cathy Caruth, “*É assim que acaba*” reflete a constituição de uma literatura em que os caminhos trilhados por tais personagens podem ser considerados um tanto tortuosos. As observações que dão coerência ao escrito aqui feito, parte não só do estudo do romance enquanto análise de uma problemática, mas também de pontos de transcendência que podem ser vistos nos personagens principais e suas respectivas caracterizações, conflitos, cenários, símbolos e ironias como elementos intrínsecos para o debate.

Dessa forma, os sinais de violência podem ser observados já no primeiro capítulo do romance, embora não seja dirigido diretamente à protagonista, e que, em uma leitura rasa, torna-se quase imperceptível, o que, mais uma vez, nos deixa alerta para o ato mascarado da violência.

Ana Amélia Barros, ao fazer um estudo acerca dos manuscritos de Philippe Lejeune (1938) - professor e especialista em autobiografia - traz à tona um reflexo sobre o caráter relacional do pacto biográfico, característica essa que permite ao leitor compreender o texto como uma expressão da personalidade do escritor. Sob esse ponto de vista, é notório que o romance autoral *É assim que acaba* mostra a constituição de uma literatura biográfica que dialoga com a confessionalidade, ou seja, uma parte da trajetória vivida pela própria Colleen Hoover é descrita na criação da personagem Lily Bloom, conforme pode ser observado na “Nota da autora”, de forma a deixar bem visível que tudo aquilo transcende, em sua completude, o caráter ficcional: “(...) meu pai

até me contou que precisou substituir duas articulações na mão porque bateu em minha mãe com tanta força que se machucou ao lhe atingir a cabeça.” (HOOVER. 2016, p. 360).

Posteriormente, no mesmo relato, ela prossegue:

“Quando decidi escrever esta história, primeiro pedi permissão à minha mãe. Falei que queria escrevê-la para mulheres como ela. Também queria escrevê-la para pessoas que não compreendem pessoas como ela”. (p. 361)

Portanto, a perspectiva literária, que dá forma ao corpus desta pesquisa, traz à tona não só características da violência doméstica – de caráter sexual e psicológico – debatida ao longo do projeto autoral, mas também a ideia de confessionalidade, ao observar as informações que formam o diário da protagonista e perceber a literatura como espaço metafísico. A partir disso, a construção do fluxo de pensamento, visões, memórias e opiniões, próprias da protagonista criada por Hoover, formam o caráter subjetivo dessa obra, que possui características semelhantes à obra de Virginia Woolf (1980), intitulada “Mrs. Dalloway”. Observa-se, portanto, que ambas as escritoras desenvolvem personagens fortes, que encontram obstáculos, mas que contrariam as imposições sociais, quebram paradigmas e desafiam as probabilidades, resgatando o conceito trazido por Lejeune (2012): duas imagens se fusionam – a escrita autobiográfica e a crítica a seu respeito, levando em consideração duas vertentes da escrita literária: a subjetividade e o prosaísmo, conforme podemos observar na obra de Woolf, no constante desenvolvimento da personagem:

“Sentia-se muito jovem e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma navalha através de tudo; e ao mesmo tempo ficava de fora, olhando. Tinha a perpétua sensação, enquanto olhava os carros, de estar fora, longe e sozinha no meio do mar; sempre sentira que era muito, muito perigoso viver, por um só dia que fosse.” (WOOLF, 1980, p. 12)

“Eu me lembro que um dia acordei de manhã e havia uma sensação de possibilidade. Sabe esse sentimento? E eu me lembro de ter pensado: este é o início da felicidade. É aqui que ela começa. E, é claro, haverá muito mais. Nunca me ocorreu

que não era o começo. Era a felicidade. Era o momento. Aquele exato momento.” (WOOLF, 1980, p. 121)

Esteticamente, é notório que “É assim que acaba” é uma prosa muito bem construída e que demonstra a excelência da técnica de escrita de Hoover, uma vez que utiliza elementos estilísticos capazes de gerar discursos metafísicos em sua potencialidade. Se, por um lado, a escrita ultrapassa a decodificação de códigos linguísticos; por outro, o relato em primeira pessoa traz uma carga ainda maior de sentimentalismos e identificação da nuance escritor-leitor. Os capítulos que compõem a obra nos deixam alertas para três percepções: o olhar sobre a representação da mulher e do homem; o relacionamento que ambos constroem; e a quebra do ciclo de violência.

Nessa perspectiva, recorrendo aos ideais críticos citados, pode-se concluir que Colleen Hoover busca construir a personagem Lily Bloom com a transparência que percorre as consciências, da mesma forma que Virgínia Woolf desenvolve Clarissa Dalloway, ao mesmo tempo em que, como afirma Lejeune, dá conta da distância (entre a realidade e a ficção) que as separa.

(...) Na primeira vez que seu pai me bateu, ele se arrependeu na mesma hora. Jurou que nunca mais aconteceria. Na segunda vez, ele ficou ainda mais arrependido. Na terceira, foi mais que um golpe, foi uma surra. E eu sempre voltava para ele. Mas na quarta vez foi só um tapa. E quando isso aconteceu, fiquei aliviada. Lembro que pensei “pelo menos ele não me bateu desta vez, não foi tão ruim. (...) Todo incidente abala um pouco o seu limite. Toda vez que você decide ficar, torna-se muito mais difícil abandoná-lo da próxima vez. Com o passar do tempo, você perde completamente seu limite de vista porque começa a pensar: “Eu já aguentei cinco anos, por que não mais cinco”?” (Hoover, 2016, p. 329).

Pode-se observar, portanto, a centralidade adquirida pela subjetividade na narrativa de Lily, de forma que parte dos pensamentos e confissões vêm da psique – em um ato de memória – de Hoover enquanto criança. Essa literatura traz um olhar para si mesmo e para o outro, num exercício de empatia, marcado pela sinceridade e consciência que ultrapassa os valores codificantes que a língua pode retratar, mas que a

literatura ajuda a desenvolver. Se, por um ângulo, Hoover potencializa o caráter subjetivo que formam as características da protagonista e dar vez e voz para esse público, por outro ela expõe a renúncia pessoal marcada pelo julgamento frente às adversidades da existência humana que a literatura ocupa, a compreende e busca internalizar. O relato acima demonstra, portanto, o ímpeto de confessionalidade da mãe de Lily Bloom, na escrita de Colleen Hoover.

Impunidade, trauma e enfrentamento na literatura de Hoover

Através da leitura da obra, é notório que a protagonista Lily Bloom, ao longo de sua adolescência, foi adquirindo alguns mecanismos de defesa, que vão de encontro, segundo teorias psicanalíticas estudadas por Anna Freud (1895-1982) e Cathy Caruth (1955), com a teoria do trauma. Assim sendo, em determinadas situações, Bloom busca proteger-se do sofrimento, isto é, afastar o evento que gera sofrimento da percepção consciente.

Para isto, a repressão – mecanismo que impede que pensamentos e sentimentos dolorosos cheguem à consciência – pode ser identificado no seguinte momento da narrativa:

“(…) Eu estava na cama, embaralhando cartas. Sei que parece estranho, mas é algo que costumo fazer. Nem sei jogar baralho. Mas quando meus pais brigam, embaralhar cartas é algo que simplesmente me acalma as vezes, prende minha atenção” (HOOVER, 2016, p. 36). (...) Mas às vezes não dá para controlar a própria mente. É preciso treiná-la para nunca mais pensar a mesma coisa”. (HOOVER, 2016, p. 42)

Ademais, o que se conhece por Formação Reativa, designada por Anna Freud (1968), no campo da psicanálise, também faz parte da construção da personalidade de Lily Bloom e pode ser observada ao ponto em que o indivíduo se prende a um ciclo de repetição, que ela sabe, a nível profundo, que é errado. Lily, portanto, percebe o ciclo de violência se repetindo em sua vida, mas se nega a acreditar que isso possa estar acontecendo, e busca seu lugar de conforto, conhecido na psicanálise como “racionalização como defesa”.

As teorias do trauma reconhecem que esses mecanismos de defesa podem falsificar a percepção interna do indivíduo, e é através disso, que o leitor percebe aos poucos os abusos psicológicos e traumáticos da personagem – à medida em que ela mesma percebe: “Estou realmente estressada e não faço ideia do que vou fazer (...) não tenho quintal, nem terraço, nem ervas daninhas. Preciso achar outra válvula de escape.” (HOOVER, 2016, p. 44). Tais teorias Freudianas descrevem a análise a partir do momento em que um indivíduo tem um desejo instintivo que rejeita conscientemente, e isso o leva a desenvolver uma série de ações - denominadas impulsos - opostos àquilo que ele rejeita.

Pode-se observar a consistência da teoria de Anna Freud à medida em que Lily não concorda com as escolhas de sua mãe, ao permanecer em casa após os atos de violência. Essa rejeição a levou a sentir ódio pela maneira como sua mãe (não) reagia, posteriormente aos ataques. Acerca disso, acontecem duas reações, respectivamente: primeiro, Bloom se culpa por sentir uma raiva desenfreada, e acredita que é uma pessoa ruim por estar conspirando contra a própria mãe. Posteriormente, procura deixar suas emoções de lado para cuidar dela. Recorrendo aos ensinamentos de Isaacson Robert (1978), conclui-se, portanto, que a formação reativa nada mais é que “um complexo mecanismo de defesa através do qual sentimentos e impulsos inaceitáveis são modificados para torná-los aceitáveis”, como pode ser observado na construção da personagem em questão.

A ideia de sinceridade – essencial ao confessionalismo – necessita de pontos de transcendência necessários à significação do texto literário como concepção para um pensamento crítico. Dessa forma, o público-alvo dessa narrativa precisa compreender dois vieses: primeiro, precisa reconhecer o papel estético da literatura e, posteriormente, a função social dessa manifestação artística.

Para Antonio Candido (1918), a literatura é uma necessidade universal e, ao mesmo tempo, um instrumento de desmascaramento, apontando e denunciando onde há restrições e negações de direito. É importante destacar, ainda, a literatura como um lugar de subversão, ou seja, não um viés que relata o fantasioso, o belo e o desejável, mas um estado de percepção que ressalta os elementos que ficam visíveis nas relações sociais e materializa a dimensão imaginária do autor.

Analisemos então, mais uma passagem dessa narrativa:

(...) me senti um pouco aliviada quando Andrew Bloom ficou doente demais para machucar alguém fisicamente. Isso mudou

de vez a dinâmica do relacionamento com meus pais, e não me senti mais na obrigação de ficar em Plethora para garantir o bem estar da minha mãe.” (HOOVER, 2016, p. 43)

Há, portanto, alguns mecanismos de enfrentamento que a personagem Lily Bloom desenvolve e que potencializa a teoria do trauma dentro dos estudos psicológicos e literários contemporâneos e nos deixa alerta para os atos de violência.

Conforme afirma Foucault (1993, p. 10):

“(…) a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber.”

De maneira análoga ao pensamento Foucaultiano, Lily tem um relacionamento amoroso baseado em violência, que, num primeiro momento, é ignorado por ela. Assim sendo, de forma a perdoar, e não refletir o bastante sobre os atos cometidos por Ryle Kincaid, seu parceiro, negando uma realidade, Lily Bloom prolonga sua vivência com o agressor.

Essa teoria da repressão é percebida desde os atos violentos destinados a sua mãe, onde a mesma mantém-se em silêncio durante anos, por não ter outra alternativa que envolva o sustento e educação de sua filha, Lily Bloom. Seu diário de confissões, por outro lado, denuncia a subjetividade do escritor-leitor, que, aos poucos, vai percebendo o crescimento desses atos agressivos, até chegar ao ápice.

Diante dos números que aumentam significativamente todos os anos sobre casos de violência doméstica, a obra de Hoover é necessária para que possa ser compreendida - e internalizada - uma questão histórica sobre os crimes de violência contra a mulher. Os capítulos abordam atos que comprovam um padrão sistemático de negligência ao agressor, como explica Hoover (2016, p. 301) ao afirmar que esses padrões existem porque é doloroso acabar com eles. Interromper um padrão familiar é algo que requer uma quantidade astronômica de sofrimento e de coragem.

É importante destacar, portanto, a necessidade de identificar a violência, por mais sutil que possa ser, ainda que se encontre em estágio embrionário, conforme pode ser percebido no início da narrativa. Na literatura, sobretudo, é recorrente a escrita

romantizada acerca do assunto, sem aprofundamento científico ou crítico, que, por vezes, os personagens causadores desse tipo de agressão não recebem a devida punição. Na vida real, todavia, a violência tem, como pano de fundo, uma relação que, mesmo desfeita, ainda deixa questões inacabadas, como traumas profundos.

Segundo Azevedo e Guerra (2001, p.25), o termo violência doméstica foi cunhado no seio da literatura feminista como parte da luta das mulheres para tornar pública a violência cotidianamente sofrida por elas na vida familiar privada. Tal movimento, de conjuntura político-social que, pela primeira vez, chamou a atenção para o fenômeno da violência contra a mulher praticada por seu parceiro, iniciou-se em 1971, na Inglaterra, e posteriormente ganhou espaço nas Américas.

Dessa forma, diante dos anseios que compreende a justiça cidadã acerca da temática, faz-se necessário o conhecimento sobre quais fatores contribuem para a violência doméstica, numa visão que transcende as representações na literatura, de forma a compreender que esse tipo de violência envolve vários fatores sociais e políticos.

É perceptível, ao analisar as representações sociais nessa obra, as posições ocupadas pelos protagonistas primeiros: de um lado, um homem, que é um prefeito idolatrado, dono de uma agência imobiliária, e de outro, uma mulher que ganha um salário mediano como professora auxiliar, ambos caracterizados como pai e mãe de Lily Bloom. Posteriormente, numa análise pontual, nota-se a construção dos personagens que corrobora para esse sistema da desigualdade de gênero nos ambientes de trabalho, onde Ryle Kincaid, neurocirurgião de grande nome, mantém um relacionamento com Lily, administradora que larga tudo para abrir uma floricultura na cidade. A compreensão da narrativa, assim como da construção dos seus personagens são fatores de suma importância dentro da obra, não só porque é necessário compreender que existe um papel reservado para a mulher, dentro dessas representações sociais ao longo de toda a história da humanidade, como também a consistência desse sistema com um histórico de dominação masculina, que por vezes, silencia essa camada da população de mulheres que são violentadas.

3. Conclusão

Nessa perspectiva, (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 104) afirma: “Antes de se transformar em discurso estático, subverter a ordem provável da língua para alcançar

determinados efeitos de comunicação, a literatura “se alimenta” na fonte de valores da cultura”, pode-se compreender a narrativa confessional de Colleen Hoover como instância precíval para, assim como afirma Ivanda Maria Martins, compreender a literatura como um espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade.

Esse trabalho buscou, então, criar uma aproximação entre aquilo que é conhecido como literatura confessional, ao analisar os períodos escritos no diário de Lily Bloom, como uma matéria que performatiza a problemática da violência, e os estudos que a psicologia faz acerca dos modos de internalização do indivíduo, sua infância e os traumas decorrentes dela, desse modo, faz-se necessário que além de identificar essas memórias de infância para justificar algumas ações do presente, o acadêmico reflita sobre o pacto entre a literatura confessional e o ímpeto autobiográfico existente na obra.

Outro ponto que merece destaque, é a importância da compreensão da narrativa em sua potencialidade, de forma que se perceba um padrão sistemático e a negligência em relação aos órgãos governamentais competentes que têm o objetivo de garantir questões estruturais necessárias para que as mulheres façam as rupturas do ciclo de violência aqui discutidas, conforme afirma Hildevância Macedo, de forma não só a garantir as defesas dos direitos das vítimas, como também garanta as ações punitivas ao agressor.

Dessa forma, os autores, levando em consideração a camada da população de leitores-alvo desse tipo de narrativa - em sua maioria, jovens - , devem compreender, de fato, o papel da literatura na humanidade: mostrando, através de construções metafísicas, não mais uma literatura sem crítica, que delimita o pensamento, aliena o leitor e romantiza ações desumanas, mas que se preocupa em dar voz, motivos e abre lacunas necessárias para debater essa questão tão polêmica e necessária para a contemporaneidade.

Portanto, espera-se que este trabalho contribua para a pesquisa no campo da literatura, promovendo uma reflexão sobre o que os jovens leem e como essa leitura interfere em suas noções de relacionamento. Mais do que isso, nosso objetivo é estimular uma visão histórica das convenções sociais para que possamos desconstruir ideais patriarcais que reduzem as mulheres a meros papéis de espectadoras.

Dito isto, torna-se genuíno o prazer de ler o escrito autoficcional de Hoover de

uma forma mais profunda, e refletir acima de tudo, sobre a experiência do texto, de forma que, conforme afirma Roland Barthes (1967), o texto literário transmigra para nossa vida, quando uma outra escrita (a escrita do Outro) consegue escrever fragmentos de nossa própria cotidianidade, quando se produz uma coexistência. Talvez seja esse o fator que dialoga tão bem com a confessionalidade e produz o efeito almejado por Hoover quando buscou desenvolver a protagonista deste romance, ao fazer cada leitor coexistir na narrativa, e perceber a literatura contemporânea como um lugar de denúncia, subversão e pertencimento do *eu* e do *outro*.

5 Agradecimentos

Agradeço ao professor Eduardo Gonçalves, por ter aceitado o convite para a orientação deste trabalho, e por ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Aos professores Severino Assis, Maria José, e Fabiana Tavares por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado ao longo do curso e que repercutiu na escolha do trabalho aqui elaborado.

À minha mãe, por não ter nem pensado duas vezes em me proporcionar a coragem necessária para começar.

À Maria José e Allan Víctor por me fazer perceber de onde eu vim e até onde quero - e mereço - chegar.

À mim mesma, afinal, o sonho é meu.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.

BARTHES, Roland. “**The Death of the Author**” in Image, music, text. Stephen Heath (Trad.), New York: Hill and Wang, 1977, pp. 142- 148.

BAUMEISTER, R. F., Dale, K., & Sommer, K. L. (1998). **Freudian defense mechanisms and empirical findings in modern social psychology: Reaction**

formation, projection, displacement, undoing, isolation, sublimation, and denial.
Journal of personality, 66(6), 1081-1124.

CARUTH, Cathy (org.) (1995), **Trauma: Explorations in Memory.** Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.

CARUTH, Cathy (1996), **Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History.** Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995

CAPONI, andra. SILVA, Luciane. COELHO, Elza. **Silent violence: psychological violence as a condition of domestic physical violence.** UNESP, 2012 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa.** 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais.** Petrópolis. Editora Vozes. 1999.

HOOVER, Colleen. **É assim que acaba.** Tradução de Priscila Catão. - 11ª ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.

MACÊDO, Ana Lúvia. **Violência doméstica e familiar afeta saúde mental da mulher, 2020.** <<https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/violencia-domestica-e-familiar-afeta-saude-mental-da-mulher>> Acesso em: 15/11/2022

MANNONI , MAUD. **A teoria como ficção : Freud, Groddeck, Winnicott, Lacan.** Rio de Janeiro : Campus. 1986.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.